

Origens de uma possível cultura afro-capixaba

CLEBER MACIEL

Prof. adjunto do Depto. de História
CEG - UFES

Aqui tenta-se apontar algumas pistas para o trabalho de identificação dos grupos étnicos, linguísticos e culturais dos africanos e de seus descendentes que, estabelecidos no Espírito Santo, deram origem a uma, se é possível chamar assim, cultura afro-capixaba.

Não obstante ter sido uma região de pequena projeção econômica no cenário escravista brasileiro, o Espírito Santo recebeu escravos importados diretamente da África. Mas foi muito grande o número de escravos oriundos de outras áreas do próprio Brasil.

Assim sendo, no território capixaba do século XIX, podiam ser encontrados africanos escravizados juntamente com negros transferidos, principalmente, da Bahia e de outras regiões do nordeste, do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. Incluindo aí a movimentação migratória pós-republicana, significa dizer que para compreender a formação cultural afro-capixaba do século XX, deve-se também percorrer a movimentação dos grupos negros, pelo menos de algumas dessas regiões.

ORIGENS DOS AFRICANOS E SEUS DESCENDENTES QUE, DE OUTROS ESTADOS, PODEM TER VINDO PARA O ESPÍRITO SANTO

Em geral, as pessoas das etnias e nações africanas mais utilizadas como escravas no Rio de Janeiro foram os Benguelas, Ganguelas ou Banguelas, os Minas-Nejôs, os Minas-Maí, os Sás, os Rebolas, os Caçanjes, os Minas-Cavalos, os Cabindas d'Água Doce, os Cabindas Massudás e os Moçambiques.¹

Nina Rodrigues diz que ao tempo a que se referem as observações e desenhos de Debret, isto é, início do século XIX, os Sudaneses promoviam guerras santas na Bahia, mas que delas não participavam os Bantos. Rodrigues nota, porém, que talvez a partir de Pernambuco e do Rio de Janeiro, os Bantos foram sendo distribuídos por todo o país. E classifica os Bantos como uma etnia composta de quatro nações, ou sejam: Minas, Ardas, Angolas e Crioulos. "Estes são tão malévolos que não temem nem devem; os minas são tão bravos, que aonde podem chegar com o braço, chegam com o nome; os ardas são tão fogosos, que tudo querem abraçar de um só golpe; e os angolas tão robustos, que o trabalho não os cansa."²

Rodrigues criticava autores e documentos devido às suas imprecisões e, para exemplificar, citou um texto no qual a dominação genérica de "Angola" designa todos os Bantos, mas os Nagôs e Fantis são classificados como Minas. E encerra um capítulo de seu estudo fazendo ver a importância da história dos negros no Brasil, corrigindo e completando informações superficiais acerca do tráfico de escravos e da procedência dos

navios negreiros, que não discriminavam corretamente as nacionalidades dos escravos.³

Para Rodrigues, dentre as etnias africanas, se não em número populacional, pelo menos manter, a preeminência intelectual e social coube, sem contestação, aos Sudaneses.

Ainda é Rodrigues que diz: "...é aos negros de línguas Tshi e Gá da Costa do Ouro que os africanos da Bahia reservam o nome de negros Minas. De todos os negros da Costa de Ouro e dos Escravos são estes os que se acham agora mais reduzidos em número. Até hoje apenas consegui ver uns cinco. O número deles devia, no entanto, ter sido muito avultado há um ou mais séculos atrás. O forte de El-Minas, ou da Mina, por que estrearam os portugueses no comércio de escravos em grosso, foi empório de tal ordem, desse comércio que chegou a tornar sinônimos os termos africano e mina."⁴

Rodrigues destaca que tendo ido ao Maranhão, visitou os últimos africanos que existiam na capital daquele Estado e que era ali conhecidos por Negros Minas. "Eram duas velhas, uma jêje, hemiplégica e presa a uma rede de que não mais se levantava, e a outra, uma nagô de Abeokutá, ainda forte e capaz de fazer longas caminhadas, residindo ambas em pequenas casinhas..." Já na Bahia, a tradição dos Minas estava bem conservada, achava ele. "Os africanos distinguem perfeitamente duas espécies de minas: minas-achantis, que em geral chamam minas-santés, e minas-popos. Estes últimos são negros de língua Tshi que atravessaram o Volta e ocuparam uma pequena zona do território dos jêjes. A reputação da crueldade sanguinária dos achantis, a fama de Cumassi, sua capital, estão ainda bem vivas na tradição dos nossos africanos. Não encontrei vestígio algum direto dos negros fantis, mas a eles há referências repetidas nos documentos coloniais..."⁵

Na relação das nações negras mais encontradas no Rio de Janeiro, Debret mencionava os Minas-Nejôs e os Minas-Cavalos. É difícil saber ao certo a que povo se referem essas denominações populares. É provável que na denominação genérica de "Minas" fossem incluídos, no Rio de Janeiro, onde dominavam os Bantos, todos os povos da Costa do Marfim, do Ouro e dos Escravos. Os Minas-Maís são, provavelmente, os Jêjes- Maís, como é provável que sejam Nagôs os Minas-Nejôs de Debret. Esse era o pensamento de Rodrigues. Aliás, ele achava até que seria surpreendente se os Nagôs não tivessem sido introduzidos naquela região.⁶

Rodrigues não sabia se era uma simples aproximação de palavras a semelhança existente entre o termo "nagô" e a denominação popular de "nagoas", nome pelo qual era conhecido, no Rio de Janeiro, um dos mais afamados grupos de capoeiras ou capoeiristas.

Entretanto, afirma com muita convicção que estava bem

informado de que existiam, na sua época, negros Nagôs no Rio de Janeiro. Como prova disso, todavia, apenas fala de uma importação direta da África que parece ocorreu ali. Na realidade, sua afirmativa estava mais apoiada na consideração de que, em certo período da escravidão, a lavoura de café do centro-sul do país promoveu, para ali, uma grande importação de escravos vindos do norte.

Dentre os Sudaneses, quatro nações eram encontradas, ao tempo de Rodrigues, na Bahia. Essa certeza é por causa dos vestígios regulares que deixavam no povo local e pela influência apreciável que exerciam sobre os colonos pretos. Eram os Haussás, os Tapas, os Bornus e os Gruncis.

A tradição dos Haussás, no Estado da Bahia, manteve-se viva tanto na história das sublevações de escravos que está escrita e pode ser reconstruída através dos documentos, como na superioridade numérica dos seus mestiços e descendentes. Por isso, Rodrigues falava deles com muita certeza, afirmando até que os velhos Haussás que ainda viviam na Bahia eram todos Malês ou Muçulmanos. Entretanto, também dizia que para o Brasil devia ter vindo grande número de Haussás fetichistas ou infiéis, como os tratavam os Fulás vencedores das lutas civis que aconteceram nos territórios dos Haussás. As guerras religiosas que deram a supremacia ao islamismo criaram uma condição de inferioridade social para os negros fetichistas, principalmente para os de Massim e Haussá, oriundos do litoral do Senegal.

Quaisquer que sejam as interpretações para as origens dos povos negros, é necessário considerar a suposição dos estudiosos acerca da abrangente unidade racial dos africanos. Assim considera-se verdadeira a hipótese de que os Fulás que vieram para o Brasil eram saídos de duas regiões, uma a oeste e outra a leste do Níger.⁷

Os Mandingas ou Mandês já não mais existiam, Rodrigues não encontrou um só negro propriamente Mandinga. Dos outros ramos da família, ele sabia apenas da existência de alguns negros Solimas. Citando, então, “o velho Solima Valentim, que sempre ficava parado em frente ao edifício do correio e que acabara de falecer. Aliás, o próprio Valentim se dizia Nangobá, vizinho e aparentado dos Solimas e Krus. Dizia também que de seu país à Serra Leoa eram apenas cinco dias de viagem por mar”.

Para Rodrigues, tanto na tradição como no conhecimento direto com as pessoas que com ele trataram, conservava-se a lembrança não só de muitos negros Mandingas propriamente ditos, como dos negros Sussus, outro ramo importante dessa família negra. O termo Sussu freqüentemente aparecia nos cantos populares e, na época de Rodrigues, esteve muito em voga na Bahia. De qualquer forma, pelo Brasil afora

persistiram os termos mandinga e mandingueiro, com o significado de feitiço e feitiçeiro.

Dos negros Bantos, Rodrigues só encontrou na Bahia uns três Congos e alguns Angolas. Porém, estes informaram saber onde moravam alguns negros originários do sul da África, estabelecidos em pequenas roças na vizinhança da cidade, em Brotas, no Cábula. Os que ele conheceu pessoalmente falavam duas línguas: a do lugar de nascimento e o Nagô. Entretanto Rodrigues achava insuficiente o seu próprio conhecimento sobre os Bantos, insistindo que, pelo grande número deles que chegou ao Brasil e pelos reais serviços prestados ao desenvolvimento material do país, mereciam maior atenção dos estudiosos.⁸

Assim pensando, Rodrigues, para argumentar acerca da grande presença Banto no Brasil, cita o estudo de Spix e Martius, feito em 1817 e considerado um dos mais completos sobre o tema.

“Os portugueses, (...) são entre todas as nações os que têm o mais desenvolvido tráfico de escravos. Estabelecidos há mais de três séculos em diversos pontos da costa africana, fundaram aí o seu domínio (...) e as suas principais colônias no Reino de Angola, (...) em Benguela, Moçambique e nas Ilhas da Guinéia, Fernando Pó, Ilha do Príncipe, São Tomé e do Ano-Bom, (...)”.

“Do mesmo modo mantêm forte comércio com as regiões orientais... até o interior do continente, os portugueses de São Paulo de Loanda, capital do Reino de Angola, onde residem um Governador Geral e um Ouvidor e onde se conta uma população de setenta mil habitantes. Os escravos embarcados em Angola e de ordinário denominados somente Angolas, descendem das tribos dos Ausazes, Pimbas, Schingas, Tembas e, à exceção dos primeiros, são mansos, mais civilizados e estão mais familiarizados com a língua portuguesa do que os outros. Ao norte dessas regiões o denominado Reino do Congo é muito freqüentado pelos traficantes de escravos, os portugueses, porém, não têm aí nem domínio nem colônias próprias, mas ancoram seus navios na Bahía de Cabinda. Aí recebem eles os escravos que lhes são trazidos das províncias do norte, Loango e Cagongo, e vão buscar outros nos postos do rio Zaire ou Congo, onde os negociam com os chefes do lugar.

Os negros que são enviados daí para o Brasil chamam-se comumente Cabindas ou Congos. Estes são um pouco mais fracos e baixos do que os acima mencionados, de cor menos preta. Muitas vezes os traços do rosto diferem de um modo notável do tipo etíope. São muito apreciados por serem aptos à lavoura”.

As indicações de Spix e Martius sobre as principais procedências dos negros da região sul africana são claras e devidamente apontam as procedências de Benguela, Angola,

Cabinda e Moçambique. Ressaltam que, à exceção dos Macuas, as denominações etnográficas por que designam os povos desta região não correspondem às empregadas nos melhores estudos posteriores, sejam ingleses, americanos, ou portugueses, sobre os negros.

Na carência de estudos regulares sobre os escravos Bantos introduzidos no Brasil, e na impossibilidade atual de reconstituir esse passado, acredita-se que se pode ter como certas as designações seguintes: a) de negros de Angola ou Ambundas, dentre os quais se destacam as tradições dos Caçanjes, Bângalas ou Imbâgalas; b) os negros Congos ou Cabindas, procedentes do estuário do Zaire; c) os negros de Benguela, dos quais só se conhece essa designação; d) os negros de Moçambique, entre os quais foram bem conhecidos os Macuas que se referiam a um outro grupo, chamando-os de Anjicos.⁹

Percebe-se, então que os conhecimentos são muito gerais, superficiais e imprecisos. Isto para áreas que têm sido, desde longa data, intensamente estudadas. Logo, é de prever que, especificamente para o Espírito Santo, as deficiências sejam ainda maiores.

De qualquer forma, ainda Nina Rodrigues afirma que “as designações populares de Nagô, Mina, Angola, Moçambique, etc., conservam, tanto para o vulgo como para o letrado, o rigoroso valor sinonímico de Negro de Costa, ou Africano”. E que “A crença que domina os cientistas pátrios é que foram os Bantos os povos negros que colonizaram o Brasil”. Nisso concordava Silvio Romero, porém discordavam Spix e Martius para quem dos Congos, dos Cabindas e dos Angolas, na costa oriental, provieram todos os afro-brasileiros.¹⁰

Se, por um lado, Nina Rodrigues dizia que em geral a maioria dos negros brasileiros eram chamados de Minas, por outro lado, Roger Bastide dizia que, inicialmente, todos os escravos vindos da África eram chamados de “negros da Guiné”. Esses eram rebeldes e pouco se acostumavam à obediência da escravidão, enquanto os negros de Angola revelavam “mais disposição para o trabalho e podiam ser facilmente ensinados pelos escravos antigos”. Acrescenta ainda que os escravos domésticos eram escolhidos conforme sua beleza, sua inteligência, seus hábitos de asseio ou de higiene, entre os negros Crioulos ou entre os Mina e os Nagôs, ou seja, quase unicamente entre os africanos ocidentais. Já os escravos dos campos eram recrutados principalmente entre os Bantos e os semibantos.¹¹ Mas afinal, Minas e Nagôs não eram Bantos também?

Juana Elbein dos Santos, entretanto, citando Varnhagem destaca que “os mais conhecidos do Brasil eram os provindos da Costa da Mina, donde era o maior número dos que entravam na Bahia”.¹²

ORIGENS DOS AFRICANOS E SEUS DESCENDENTES ESPECIFICAMENTE NO ESPÍRITO SANTO

Finalmente, no Espírito Santo, considerando as afirmativas de Maria Stella de Novaes apoiadas em Basílio Daemon, pode-se dizer que a importação direta de africanos para esta capitania data de fins de 1621. Entretanto, ela mesma destaca que “já havia escravos africanos antes. Talvez desde 1540, com o início do plantio de açúcar”. Acrescenta que se pode afirmar que sua presença se faz, com certeza, desde 1550, conforme “a arrematação dos bens do feitor da capitania onde haviam listados 12 escravos”.¹³

Stella de Novaes destaca também que, segundo Varnhagem, a Capitania do Espírito Santo era uma das que mais fazia contrabando de escravos.¹⁴

Conclui-se, então, que assim como ocorre no Brasil em geral, na capitania do Espírito Santo também é difícil definir com precisão a origem da população africana para aí transferida. Ou seja, tal origem é definida, primeiro, conforme documentação deixada pelo tráfico que omite a precisão dessa origem. Segundo, pela imprensa que reproduz as falas populares e, terceiro pela declaração de estudiosos consagrados, mas que também podem ter cometido alguns enganos, em face das dificuldades apresentadas pela documentação.

Na realidade, algumas origens de negros do Espírito Santo podem ser inferidas de notícias documentais como, por exemplo, as que se seguem, extraídas da obra de Stella de Novaes: “Fugiu da Vila da Serra, Manuel Angola, vinte anos, sinal de tiro na perna.” Noticiado pelo Correio de Vitória, em 09.07.1855. Este mesmo jornal, em 14.01.1854 anunciava que “fugiu a José Joaquim de Campos... o escravo Joaquim, de nação, que tem trinta e tantos anos...”, “Em Cachoeiro de Itapemirim... eram conhecidos os escravos da Fazenda Monte Líbano, pela aparência robusta e boa vestimenta. Eram quase todos Minas”. Publicado no Correio de Vitória em 22.02.1872.¹⁵

Stella de Novaes afirma que “pelo que temos conhecido e investigado era na maioria Minas (do Castelo da Mina, famosa fortaleza lusitana no porto de Aljuba onde passaram para bordo dos navios negreiros) e Angolas os negros do Sul do Espírito Santo: Angolas em São Mateus e Vitória, onde avultavam os Congos. Crioulos em toda parte”. A autora considera que suas observações foram reforçadas pela constatação da existência da expressão “Seu Negro Mina”, uma espécie de xingamento, expressão pejorativa, existente até o fim do século XIX. É também que “os minas eram inclinados à embriaguez. Apresentavam-se resistentes, preferidos pelos mineiros para trabalho do ouro”. E que o “curandeiro famoso, em Cachoeiro de Itapemirim, o Tio Lalau, era um Mina legítimo que confirmara

sua origem". Além disso, existia a crença geral de serem os Minas perigosos e temidos feiticeiros. Ninguém os superava nas garrafadas e benzeções, destaca a autora.

Inquestionável era a presença dos Angolas, mesmo que no interior desse grupo estivessem representadas diversas culturas e etnias, todas chamadas de Angola. É muito comum, também, aparecerem nos inventários de fazendas, relações de escravos citados como Crioulos.¹⁶

Nessa busca das origens africanas dos negros do Espírito Santo, legado de uma possível cultura afro-capixaba, registrou-se uma tradição oral que dizia serem as "Minas retintas, curpulentas e esbeltas enfeitadoras de senhores, chegando mesmo a ditar ordens às matronas, utilizando para isso o argumento de sua vasta prole mulata".¹⁷

A fama da bravura e gênio aguerrido de muitas nações africanas era tão grande no Espírito Santo que Stella de Novaes indagava se Elesiário, chefe da Insurreição do Queimado, não teria sido Mina ou Angola. Entretanto, os Muçulmanos eram os mais famosos guerreiros. Como diz Celso Bonfim, "é impossível, hoje, apontar com absoluto acerto a origem dos negros chegados ao Espírito Santo. Tivemos, naturalmente os de Angola... As insurreições negras de São Mateus, Guarapari e Queimado. Levam-nos a crer, fortemente, na existência de negros Maometanos em nossa terra".¹⁸

Uma obra que, parece, traria mais luz a esta questão da origem dos africanos do Espírito Santo seria "As Tribos Negras Importadas" de Afonso Cláudio, citada por Stella de Novaes. Entretanto, apesar dos esforços empregados, não foi possível encontrar tal obra.

Maciel de Aguiar, um estudioso da cultura negra da região norte, cujo centro é São Mateus, diz de forma bem taxativa que para lá foram, basicamente, negros de Angola, "mais precisamente de Cabinda e Benguela".¹⁹

Outra questão que complica mais ainda a busca das origens dos africanos e negros do Espírito Santo é o desencontro entre as informações, conforme revela Nara Salletto. Para demonstrar isso, ela cita Vilma Almada Paraíso e argumenta que no levantamento realizado em 1875, pelo padre das paróquias de Cachoeiro e Alegre, apenas 31% dos escravos locais eram naturais da própria região. Já o recenseamento registrara 55,8% dos escravos como naturais do Espírito Santo, e os demais como tendo nascido em outras províncias do Brasil ou então na África.²⁰

Salletto ainda aponta, especificamente, Rio de Janeiro e Minas Gerais como origens dos negros do sul do Espírito Santo, porque de lá vinham trazidos por seus donos, que para esta região migravam.²¹

CONCLUSÃO

Conclusivamente então pode-se dizer que a origem dos negros capixabas é difícil de ser determinada de forma pormenorizada. Entretanto, têm-se como aceito que a maioria dos africanos que chegaram era, principalmente, da grande Etnia Banto, isto é, Angolas e Minas, mesmo entendendo que sob estas demoninações estavam diluídas muitas culturas e mesmo etnias. Assim aparecem outras demoninações como Cambindas, Benguelas, Caçanjes e Congos. Tanto transferidos de regiões do Rio de Janeiro, Bahia ou Minas Gerais, como especificamente chegados ao território capixaba, diretamente da África, até fins do século XIX.

Entretanto, não significa dizer que uma possível cultura afro-capixaba moderna, neste final do século XX, seria efetiva e diretamente ligada a essas bases históricas dos séculos anteriores. Aliás, há fortes indícios que descartam tal possibilidade, porque a mobilidade migracional da população negra durante o século XX foi grande. Muitos baianos, mineiros, cariocas, e de outros estados, por aqui passaram ou aqui se estabeleceram. Desta forma, falar de uma cultura afro-capixaba é pensar nos remanescentes de muitas culturas africanas somadas às suas modificações sofridas ao longo do tempo.

Pensar uma possível cultura afro-capixaba seria pensar na Cabula, em suas origens e sua existência atual. Seria pensar o Ticumbi, as Bandas de Congo, o Caxambu, os Jongos, os Bate Flexas, as danças das fitas, as festas de louvação a São Benedito, a Umbanda e o Camdomblé, apenas para citar algumas das manifestações dessa cultura, como presença Banto ou Sudanesa, Congo ou Haussá, Angola ou Cabinda, Mina ou Benguela, não importa. Mas todas essas culturas ou etnias sintetizadas no “negro” baiano, carioca ou mineiro, que estabelecido no Espírito Santo, originaram especificidades culturais que podem ser chamadas de afro-capixabas.

NOTAS

1. RODRIGUES, Nina. OS AFRICANOS NO BRASIL. Cia editora nacional. Coleção Brasileira. Vol.9. So Paulo. 1977. p.35.
- 2 Idem. Ibidem. p. 35 e 36.
- 3 " " " 13 a37.
- 4 " " " 107.
- 5 " " " 107 e 108.
- 6 " " " 35 e seguintes.
- 7 " " " 108 e 109.
- 8 " " " 114 e 115.
- 9 " " " 116 e 117.
- 10 " " " 16 e seguintes.
11. BASTIDE, Roger. RELIGIÕES AFRICANAS NO BRASIL. Vol 2. Livraria Pioneira Editora/USP. São Paulo. 1971. p. 68.
12. SANTOS, Juana Elbein dos. OS NAGÔS E A MORTE. Ed. vozes. Rio de Janeiro. 1977. p. 32.
13. NOVAES, Maria Stella de. ESCRAVIDÃO E ABOLIÇÃO NO ESPÍRITO SANTO. História e folclore. Prêmio literário e Científico da Assembléia Legislativa do Espírito Santo. Vitória. 1963. p. 23 a 26.
- 14 Idem. Ibidem. p. 33.
- 15 " " " 47.
- 16 " " " 27.
- 17 " " " 27 e 28.
- 18 " " " 73 e a citação de BONFIM, Celso feita por SANTOS NEVES, Guilherme. in FOLCLORE BRASILEIRO-ESPÍRITO SANTO. MEC/Departamento de Assuntos Culturais/FUNARTE/Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. Impresso SS Artes Gráficas. Rio de Janeiro. 1978. p. 5 e 6.
19. MACIEL DE AGUIAR, Sebastião. Político, poeta e reconhecido estudioso de São Mateus que se dedica ao estudo da cultura negra da região. Concedeu longa entrevista à produtora de televisão, Vera Viana, quando esta recolhia material para uma produção especial sobre os negros do Espírito Santo e que foi levado ao ar nacionalmente pela rede Brasil de Televisão Educativa sob o nome de "Momentos de Uma Raça". A entrevista integral de Maciel de Aguiar está gravada em vídeo VHS e pertence ao acervo do professor Cleber Maciel.
20. SALLETO, Nara. CONSIDERAÇÕES SOBRE A TRANSIÇÃO DO TRABALHO ESCRAVO AO LIVRE NA ECONOMIA CAFFEEIRA DO ESPÍRITO SANTO.(1888-1929). Dissertação de mestrado. UFRJ. Rio de Janeiro. mimeo. 1985. p. 48.
21. Idem ibidem p. 50.